

## A EPÍSTOLA DE PAULO AOS ROMANOS

Franklin Ferreira

A Epístola aos Romanos é a mais rica e abrangente declaração de Paulo sobre o evangelho. Esta carta é também a chave para o entendimento das Escrituras, já que aqui Paulo une todos os grandes temas da Bíblia – pecado, lei, julgamento, destino humano, fé, obras, graça, justificação, santificação, eleição, a obra de Cristo e do Espírito Santo, a esperança cristã, a natureza da igreja, o lugar do judeu e do gentio (não-judeu) nos propósitos de Deus, o significado da mensagem do Antigo Testamento, os deveres do cristão frente ao estado e os princípios de retidão moral. A Epístola aos Romanos abre uma perspectiva para o entendimento de como todas as partes da Bíblia se ajustam de modo claro.<sup>1</sup>

### 1) A Igreja Cristã em Roma:

Talvez a igreja na cidade de Roma tenha sido fundada por convertidos presentes no Pentecostes (At 2.1-10). O que se sabe é que em 49 d.C. a igreja já estava estabelecida, já tendo havido choques com os judeus (At 18.1-3). A carta foi escrita para uma igreja predominantemente gentílica (Rm 1.5s, 13s; 11.13s), uma comunidade grande e ativa, com boa reputação no mundo cristão mediterrâneo (Rm 1.8; 15.14). Muitos membros provavelmente foram ganhos para o evangelho dentro das sinagogas, fruto da obra missionária entre os judeus. Depois da expulsão dos cristãos de origem judaica, os cristãos de origem gentílica não podiam mais se reunir nas sinagogas, mas somente em casas particulares. O retorno subsequente dos cristãos judaicos em 54 a.C., com a sua observância segundo a *Torah* de rituais etnicamente orientados, criou tensão com os cristãos gentílicos agora mais independentes. É em vista dessa situação que se entende a discussão de Romanos 14–15 acerca dos cristãos “fracos” (predominantemente judeus) e os cristãos “fortes” (predominantemente gentios). Esses grupos distintos devem aprender a conviver (15.7s). Os cristãos judaicos não devem insistir em reivindicações baseadas na etnia (Rm 9), mas na finalidade de Cristo em todas as coisas, inclusive na Lei (Rm 10). E os cristãos gentílicos devem humildemente reconhecer a sua dívida para com Israel e crescer no seu apreço (Rm 11).

### 2) Data e lugar da escrita:

A Epístola aos Romanos foi escrita no tempo da permanência de Paulo na Grécia, ao término da terceira viagem missionária (At 20.2), ditada a Tércio (Rm 16.22). Há uma sugestão de que a carta foi enviada de Corinto, em casa de Gaio, que “hospeda a mim e a toda a igreja” (Rm 16.23, cf. 1Co 1,14-15). Ele está prestes a partir (alguns pensam até que já tivesse partido) para Jerusalém (Rm 15.25-33), levando o produto da coleta que organizara na Macedônia e na Acaia em proveito dos “santos de Jerusalém que estão na pobreza” (Rm 15.25-26). Acabava de passar três meses em Corinto (At 20.3) no fim de sua terceira viagem missionária, no decurso da qual escrevera, alguns meses antes, as epístolas aos Coríntios, aos Gálatas e talvez aos Filipenses. Acha-se, pois, no fim de um dos períodos mais movimentados de sua atividade epistolar e teológica. Ele julga ter cumprido a sua tarefa no Oriente (Rm 15.19-20). Doravante, propõe-se levar o Evangelho ao Ocidente. Ele deseja evangelizar o ocidente, buscando chegar à Espanha (Rm 15.24, 18). Uma data entre o fim de 55 e o começo de 57 d.C. parece encaixar-se bem dentro dos informes conhecidos. A autenticidade paulina desta carta jamais foi posta em dúvida. Somente os dois últimos capítulos levantam uma questão de crítica literária ante as hesitações da transmissão manuscrita a seu respeito.

<sup>1</sup> De todas as cartas do apóstolo Paulo, a Epístola aos Romanos é inegavelmente a mais importante. E isso, não só por ser a mais extensa. Do ponto de vista doutrinal, é uma das mais ricas e a mais notavelmente estruturada. “Esta epístola toda inteira”, asseverava Calvino, “é disposta metodicamente”. Historicamente, enfim, nenhuma outra exerceu igual influência; um teólogo protestante chegou recentemente a dizer (não sem uma ponta de exagero) que a história da Igreja se confundia com a da interpretação desta epístola. Não há como negar que este texto sempre ocupou um lugar privilegiado na história da exegese. Foi comentado, quer de forma continuada, quer não, por Orígenes, João Críóstomo, Teodoro, o Ambrosiáster, Agostinho, Tomás de Aquino, etc. Sua interpretação desempenhou um papel decisivo, entretanto, em dois momentos da história da Igreja: no século V, por ocasião da crise pelagiana e das grandes controvérsias sobre a gratuidade da salvação, e no século XVI, quando dos inícios da Reforma protestante. O estudo de Romanos, então, é vital para a saúde e entendimento espiritual dos cristãos.

### 3) O propósito da Epístola:

Paulo escreveu provavelmente para buscar o apoio da igreja em Roma para seu trabalho missionário na Espanha (Rm 15.24). Parece que a carta também foi escrita para solucionar algumas tensões entre os cristãos de origem judaica e os cristãos de origem gentílica. É em vista dessa situação que se entende a discussão de Romanos 14–15 acerca dos cristãos “fracos” (predominantemente judeus) e os cristãos “fortes” (predominantemente gentios). Mas a forma teológica da epístola se parece com um tratado. Então, outra sugestão seria que o apóstolo escreveu aos romanos para, além de prepará-los para uma futura visita, se esta não fosse possível, ainda assim estes receberiam o “evangelho segundo Paulo”.

### 4) Seu lugar no Cânon:

O mais antigo manuscrito das epístolas paulinas é do segundo século, que contém 10 livros de Paulo (excluindo as cartas “pessoais”) e Hebreus, provindo do Egito (c.180). Romanos vêm em primeiro lugar. No Cânon Muratoriano, de Roma (c.180), Romanos ocupa o último lugar, e foram incluídas Filemon, Timóteo e Tito. Romanos tem lugar de honra por ser a maior epístola e o “Evangelho segundo Paulo”.

### 5) Estilo:

O estilo usado é a “diatribe”, que era uma forma retórica em que o escritor (ou orador) entrava num debate imaginário com um interlocutor, levantando pontos ou fazendo objeções que então eram respondidas no texto (Ralph Martin), como pode ser visto em Rm 2.1, 3, 17; 3.1-4, 9. Basta ler uma tradução vernácula para se ficar impressionado com o incessante emprego que o apóstolo faz da interrogação retórica, da interjeição, da exclamação, da frase incidente ou do parêntese. Em nenhuma outra de suas epístolas ele recorre tanto a processos oratórios, tais como, por exemplo, as fórmulas “Que diremos, pois?”, “Ignorais então?”, “Ó homem, quem quer que sejas”. Joachim Jeremias sugere que o vívido estilo de Paulo em Romanos foi fruto das experiências missionárias do apóstolo – certamente o apóstolo foi interrompido muitas vezes por um ouvinte judeu que levantava uma objeção à sua mensagem, o que o obrigava a dar uma resposta imediata. Ele também usou o método rabínico de argumentação: citação conjunta de passagens do Antigo Testamento (3.10, *charaz*, “rosário” de citações); *peshet*: uma adaptação do Antigo Testamento e sua interpretação a outro contexto.

### 6) Os temas principais de Romanos:

Na epístola inteira o pensamento de Paulo é dominado por seu conceito de Deus.

a) A justiça de Deus: este é o tema da epístola (Rm 1.17). Em Romanos temos quatro diferentes usos do termo “justiça”: Fidelidade: as promessas de Deus têm de ser cumpridas para estarem de acordo com a natureza divina (Rm 3.3,4). Ira: um aspecto específico da justiça e retidão de Deus, que significa sua aversão ao pecado (Rm 1.17s; 2.5). A manifestação da justiça na morte de Cristo (Rm 3.25): o dom de Deus, que é Cristo como sacrifício propiciatório, manifesta sua justiça. A ligação da justiça e fé: a justiça de Deus é recebida pela fé somente.

Deus declara justos aqueles que por natureza são inimigos de Deus (Rm 5.10). Este é o significado de justificação: não que os homens são feitos retos, mas antes, que são contados como justos. Segundo João Calvino, a carta inteira é uma exposição da justiça de Deus: “O homem encontra sua justificação única e exclusivamente na misericórdia de Deus, em Cristo, ao ser ela oferecida no evangelho e recebida pela fé”.

b) *A bondade de Deus*: A justiça de Deus, que é concebida ativamente na salvação do homem, salienta o amor ligado com santidade. Paulo chama a atenção para a bondade, clemência e paciência de Deus (Rm 2.4). O amor de Deus é salientado no fato de que Cristo morreu por nós quando ainda éramos pecadores (Rm 5.8). Coisa alguma pode nos separar do amor de Deus, que nos escolheu e justificou (Rm 8.31-39). Mesmo na rejeição de Israel a misericórdia permanece e Deus não é injusto (Rm 9.15) – ele estendia as mãos todo dia ao povo desobediente de Israel (Rm 10.21).

Deus equilibra severidade e bondade para aqueles que permanecem nele (Rm 11.22). A liberdade de Deus é ressaltada em usar misericórdia (Rm 11.32). Ele é chamado de Deus da “esperança” (15.3), da “constância e do encorajamento” (Rm 15.5), e devemos desenvolver qualidades semelhantes.

c) *Soberania de Deus*: Focalizado principalmente nos capítulos 9 a 11, o apóstolo ilustra o tema apelando para o poder que o oleiro tem sobre o barro demonstrando a soberania de Deus. Ainda assim, a misericórdia é mais ressaltada que o julgamento. Como toda verdade a respeito de Deus, a doutrina da eleição envolve mistério e, às vezes, levanta controvérsia.

Porém, nas Escrituras, a eleição em Cristo é uma verdade pastoral, que ajuda os cristãos a verem quão grande é a graça que os salva e os move a responder com humildade, confiança e louvor. Em Rm 11.3-36, Paulo se admira perante a sabedoria de Deus, que ele descreve como insondável e inescrutável. Esta é sua âncora diante dos mistérios de Deus.

d) *A graça de Deus*: Esta carta é a descrição da atividade salvadora de Deus. Ele tomou a iniciativa, e a obra de Cristo na cruz é vista como um sacrifício objetivo preparado por Deus, por meio do qual os pecados podem ser remidos (Rm 3.24-25). A superabundância da graça jamais deve ser considerada como ocasião para a prática de pecado maior (Rm 6.1). Isto é impossível por causa da união íntima do crente com Cristo.

O pecado não tem mais domínio sobre nós, porque agora estamos debaixo da graça (Rm 6.14). Não obstante, a graça nos tornou escravos de Deus, pelo que uma nova obrigação tomou o lugar da antiga (Rm 6.20ss). A graça é a resposta divina ao fato de que o homem nunca pode satisfazer o padrão de santidade exigido pelo Senhor.

e) *A lei de Deus*: Em Romanos, a lei refere-se a Deus em seu ódio ao pecado, seu juízo e sua ira, sendo completamente ineficaz como meio de salvação, por causa da própria deficiência humana (Rm 7.22). Por outro lado, a lei reflete a santidade do caráter de Deus. Se Ele fosse se privar dela, tornar-se-ia um Deus amoral em vez de um Deus santo. Então, Sua obra de santificação não está divorciada de uma íntima conexão com a lei (Rm 8.1-17).

Os mandamentos são escritos no coração, mediante a operação do Espírito Santo – que é contrastado com a carne (Rm 8.4ss), proporcionando vida em lugar de morte (Rm 8.11), dando testemunho da filiação cristã (Rm 8.14ss) e intercedendo pelos crentes (Rm 8.26). A vida cristã não é questão de submissão a um código de leis, mas é uma questão de vida controlada pelo Espírito, que envolve qualidades tais como retidão, paz, alegria, esperança e amor (Rm 5.3ss; 12.11; 14.17; 15.13-30).

## 7) Divisões na Carta aos Romanos:

João Calvino: “O homem encontra sua justificação única e exclusivamente na misericórdia de Deus, em Cristo, ao ser ela oferecida no evangelho e recebida pela fé.”				
Condenação	Justificação	Santificação	Predestinação	Exortação
1.1-3.20	3.21-5.21	6-8	9-11	12-16
Condenação dos pagãos	Justificação pela fé	Significado do batismo	Eleição de Israel	Deveres cristãos
Condenação dos moralistas	Exemplo de fé: Abraão	Um mercado de escravos	Rejeição de Israel	Deveres com o Estado
Condenação dos judeus	As bênçãos da justificação	A Lei  Analogia do casamento	Restauração de Israel	Deveres com os irmãos fracos
Condenação universal	Comparação entre Adão e Cristo	A Lei e a consciência		O exemplo de Cristo
		O andar no Espírito		

## 8) A influência de Romanos na história da Igreja:

Muitos líderes da igreja influentes, em diferentes séculos, dão testemunho do impacto produzido pela Epístola aos Romanos em suas vidas, tendo sido ela, em diversos casos, o instrumento para sua conversão.

**Santo Agostinho**, em 386: “Não li mais nada, e não precisei de coisa alguma. Instantaneamente, ao terminar a sentença [Rm 13.13-14], uma clara luz inundou meu coração e todas as trevas da dúvida se desvaneceram” (*Confissões* VIII.29)

**Martinho Lutero**, em 1515: “Ansiava muito por compreender a Epístola de Paulo aos Romanos, e nada me impedia o caminho, senão a expressão: ‘a justiça de Deus’, por que a entendia como se referindo àquela justiça pela qual Deus é justo e age com justiça quando pune os injustos... Noite e dia refleti até que... captei a verdade de que a justiça de Deus é aquela justiça pela qual, mediante a graça e a pura misericórdia, Ele nos justifica pela fé. Daí por diante, senti-me renascer e atravessar os portais abertos do paraíso. Toda a Escritura ganhou novo significado e, ao passo que antes ‘a justiça de Deus’ me enchia de ódio, agora se me tornava indizivelmente bela e me enchia de maior amor. Esta passagem veio a ser para mim uma porta para o céu.” (*Luther’s Work*, edição de Weimar, vol. 54) “Esta Epístola é o mais importante documento do Novo Testamento, o evangelho na sua expressão mais pura”. Aos olhos de numerosos historiadores, o comentário à Epístola aos Romanos por Lutero, em 1516, foi o verdadeiro ponto de partida da Reforma.

**Philip Melancthon** escreveu em 1521 sua famosa obra *Loci Communes* (“Tópicos comuns” da Teologia), que é de fato uma explicação da Epístola aos Romanos. Em seu entendimento, esta carta “fornecia o sumário da doutrina cristã”. A dogmática luterana primitiva confundiu-se, na realidade, com uma dogmática da Epístola aos Romanos.

**William Tyndale**, em 1534: “Visto que esta epístola é a principal e a mais excelente parte do Novo Testamento, e o mais puro *Euangelion*, quer dizer, boas novas e aquilo que chamamos de Evangelho, como também luz e caminho, que penetra o conjunto da Escritura, creio que convém que todo cristão não somente a conheça de cor, mas também se exercite nela sempre e sem cessar, como se fosse o pão

cotidiano da alma. Na verdade, ninguém pode lê-la demasiadas vezes nem estudá-la suficientemente bem. Sim, pois, quanto mais é estudada, mais fácil fica; quanto mais é meditada, mais agradável se torna, e quanto mais profundamente é pesquisada, mais coisas preciosas se encontram nela, tão grande é o tesouro de bens espirituais que nela jaz oculto”.

**João Calvino**, em 1539: “Se... conseguirmos atingir uma genuína compreensão desta Epístola, teremos aberto uma amplíssima porta de acesso aos mais profundos tesouros das Escrituras”. Foi explicando a Epístola aos Romanos, seu primeiro comentário bíblico (publicado somente em 1540), que Calvino preparou a segunda edição das *Institutas da religião cristã* (1539), formulando as principais teses da sua doutrina.

**John Wesley**, na noite de 24 de maio de 1738: Leitura do prefácio de Lutero, da Epístola de Romanos: “... Senti meu coração aquecer-se estranhamente. Senti que confiava em Cristo, somente em Cristo, para minha salvação. Foi-me dada a certeza de que Ele tinha levado embora os meus pecados, sim, os meus. E me salvou da lei do pecado e da morte.” (*Works* [1872], vol. 1)

**Karl Barth**, agosto de 1918: “O leitor perceberá por si mesmo que foi escrito com um jubiloso sentimento de descoberta. A poderosa voz de Paulo era nova para mim. E se o era para mim, certamente o seria para muitos outros também. Entretanto, agora que terminei minha obra, vejo que resta muita coisa que ainda não ouvi...”

**C. E. B. Cranfield**, professor emérito de teologia, na Universidade de Durham, 1985: “Tendo-me empenhado muito seriamente com a epístola aos Romanos durante mais de um quarto de século, ainda a encontro sempre nova e não posso lê-la sem prazer. Minha mais séria esperança é que cada vez mais pessoas se comprometam seriamente com ela, e, ouvindo o que ela tem a dizer, encontrem no Deus fie, compassivo e todo-poderoso, como que ela se preocupa, alegria e esperança, bem como força até nestes sombrios, ameaçadores e – para muitos – dias carregados de angústia, através dos quais temos que viver”.

**John R. W. Stott**, durante muitos anos reitor da Igreja anglicana de *All Souls*, em Londres, 1994: “Ela é a mais completa, a mais pura e a mais grandiosa declaração do evangelho encontrada no Novo Testamento”.

### Conclusão:

Então terminemos citando F. F. Bruce. Segundo ele, “não é possível predizer o que pode acontecer quando as pessoas começam a estudar a Epístola aos Romanos. O que sucedeu com Agostinho, Lutero, Wesley e Barth acionou grandes movimentos espirituais que deixaram sua marca na história do mundo. Mas coisas parecidas com essas aconteceram muito mais vezes com pessoas bem comuns, quando as palavras desta epístola penetraram nelas com poder. Assim, aqueles que a lerem até esse ponto, estejam preparados para as conseqüências de prosseguirem na leitura. O leitor está avisado!”

### Bibliografia:

Adolf Pohl, *Carta aos Romanos – comentário Esperança* (Curitiba: Evangélica Esperança, 1999).

C. Timóteo Carriker, “A Missiologia apocalíptica da carta aos Romanos: com ênfase em 15.14-21 e 9–11” em *Fides Reformata* volume III número 1 (Janeiro-Junho 1998), pp. 124-148.

C. E. B. Cranfield, *Carta aos Romanos* (São Paulo: Paulinas, 1992).

Carlos Osvaldo Pinto, “As citações de Isaías em Romanos 9-11: um teste para as técnicas hermenêuticas paulinas” em *Vox Scripturae* volume I número 1 (Março de 1991), pp. 19-32.

D. A. Carson, Douglas Moo e Leon Morris, *Introdução ao Novo Testamento*. (SP: Vida Nova, 1997), pp. 267-286.

- D. M. Lloyd-Jones, *Romanos: exposição sobre o capítulo 1 – O evangelho de Deus* (SP: PES, 1998).
- D. M. Lloyd-Jones, *Romanos: exposição sobre o capítulo 2.1-3.20 – O justo juízo de Deus* (SP: PES, 1999).
- D. M. Lloyd-Jones, *Romanos: exposição sobre o capítulo 3.30-4.25 – Expição e justificação* (SP: PES, 2000).
- D. M. Lloyd-Jones, *Romanos: exposição sobre o capítulo 5 – A certeza da fé* (SP: PES, 2000).
- F. F. Bruce, *Romanos – Introdução e comentário* (SP: Vida Nova & Mundo Cristão, 1991).
- George Eldon Ladd, *Teologia do Novo Testamento* (São Paulo: Exodus, 1997), pp. 339-525.
- G. T. Thomson e F. Davidson, “A Epístola aos Romanos” em F. Davidson (ed.), *O Novo Comentário da Bíblia*. (SP: Vida Nova, s/d), pp. 1151-1185.
- João Calvino, *Exposição de Romanos* (São Bernardo do Campo: Paracletos, 1997).
- John R. W. Stott, *Romanos* (SP: ABU, 2000).
- Karl Barth, *Carta aos Romanos* (São Paulo: Novo Século, 1999).
- Martinho Lutero, “Prefácio à Epístola de São Paulo aos Romanos” em *Pelo Evangelho de Cristo: Obras selecionadas de momentos decisivos da Reforma* (Porto Alegre: Concórdia & São Leopoldo: Sinodal, 1984), pp. 179-192.
- Merril Tenney, *O Novo Testamento: sua origem e análise* (SP: Vida Nova, 1995), pp. 317-320.
- Paulo Sérgio Gomes, “O significado de ‘fim da lei’ em Romanos 10.4” em *Fides Reformata* volume II número 1 (Janeiro-Junho 1997), pp. 123-136.
- Robert Gundry, *Panorama do Novo Testamento* (SP: Vida Nova, 1985), pp. 324-336.
- R. C. Sproul (ed.), *Bíblia de Estudo de Genebra* (São Paulo & Barueri, Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999).